Novembro 2026

Carta Mensal



BNP PARIBAS
ASSET MANAGEMENT



Caros leitores,

É com grande satisfação que apresentamos a edição deste mês da nossa **Carta Mensal.** Neste documento nossa equipe de gestão compartilha sua visão sobre os principais acontecimentos do mercado e suas perspectivas diante de um mundo em mudança.
Agradeçemos pela confiança depositada em nosso trabalho e esperamos que essa carta contribua para **sua compreensão do atual cenário de investimentos.**

Atenciosamente,

Gilberto Kfouri Jr.
Chief Investment Officer
BNP Paribas Asset Management Brasil



ECONOMIA



Andressa Castro
Economista-chefe

> " Nos EUA, após a vitória Democrata no Congresso, o cenário é de "paralisia legislativa. Localmente, a falta de perspectiva de um ajuste fiscal crível torna o cenário mais desafiador. "

ECONOMIA INTERNACIONAL

No final de outubro e início de novembro a atenção do mercado global se concentrou nas eleições de meio de mandato dos EUA e na decisão de política monetária do Federal Reserve ("Fed"). Esses dois eventos contribuíram para um enfraquecimento do dólar (refletido na queda do DXY, cesta de moedas de parceiros comerciais dos EUA) e para um arrefecimento das taxas de juros americanas.

Mais detalhadamente, as eleições de meio de mandato americanas representaram uma derrota expressiva para Donald Trump e para o Partido Republicano, com os Democratas conquistando o controle das duas casas no Congresso. Esse resultado reflete principalmente o desgaste da administração Trump diante da insatisfação com a inflação, como consequência da guerra do Irã. De fato, desde o início do mandato, a aprovação de Trump caiu de 50% para 39% e isso acabou se refletindo nessas eleições parlamentares. Apesar do apoio popular, é prematuro supor que isso levará a uma sensibilização de Trump para chegar a alguma resolução sobre a guerra. No âmbito da política comercial, embora o Congresso possa ampliar a pressão por mudanças, Trump preserva autonomia para manter sua agenda tarifária, e provavelmente deve prosseguir com o plano de implementação de novas tarifas para recompor parte do que foi derrubado pela corte de comércio

Daqui para frente, o cenário é de uma paralisia legislativa, em que Trump terá dificuldade em aprovar projetos que necessitam passar pelo Congresso. Além disso, Trump vetará os projetos Democratas que não são de seu interesse ao mesmo tempo em que os Democratas não terão força para derrubar esses vetos. Se, por um lado, a divisão de poderes reduz a chance de novos impulsos fiscais, por outro lado, cria maiores ruídos sobre a aprovação do orçamento para 2027 (elevando a possibilidade de shutdown) e sobre a elevação do teto da dívida. Sendo assim, para os mercados, o efeito líquido pode ser favorável no curto prazo, pois o maior bloqueio legislativo reduz o risco de medidas econômicas radicais. No entanto, a deterioração da governabilidade e os conflitos fiscais podem gerar volatilidade adiante.

No campo da política monetária, o Fed manteve a taxa de juros no intervalo de 3,75% a 4,00% em sua reunião mais recente, consolidando a estratégia de alternar reuniões após a sequência de altas de 25 pontos-base ("bps"). Para os próximos meses, nossa perspectiva contempla mais uma elevação em dezembro e outra em março, embora a trajetória permaneça condicionada à evolução dos dados de emprego e inflação e, em especial, aos desdobramentos da guerra no Irã. Por um lado, a inflação dos EUA apresenta pressões de choques de oferta, como a alta da gasolina e encarecimento de insumos ligados a inteligência artificial, além de efeitos das tarifas de importação, embora parte desses já esteja se dissipando. Por outro lado, não observamos pressões críticas de demanda, já que o crescimento de salários está desacelerando e as expectativas de inflação permanecem ancoradas.

Outros Bancos Centrais também têm mantido uma postura mais cautelosa perante a guerra. Na Europa, o Banco Central Europeu ("BCE") tem adotado estratégia semelhante, alternando reuniões na continuidade do ciclo de aperto monetário, e já efetuou duas altas de 25 bps, elevando a taxa de referência para 2,50%. O Banco da Inglaterra iniciou seu ciclo de altas mais recentemente, com uma alta de 25 bps, levando a taxa para 4%, e linguagem dura, informando que novos ajustes devem ser feitos caso o conflito do Irã e EUA continue pressionando os preços de energia.

Gráfico 01
Taxas de Juros DMs

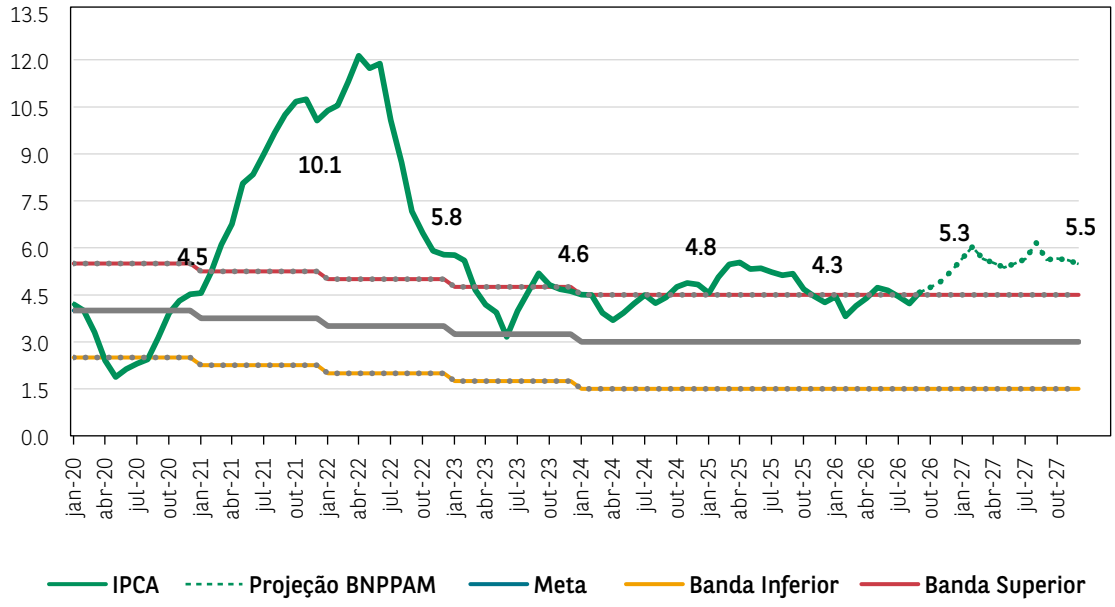


Fonte: Bloomberg, novembro/2026

ECONOMIA BRASILEIRA

No âmbito doméstico, o comportamento dos ativos foi comandado pelo resultado eleitoral, com a vitória do Presidente Lula no 2º turno e um Congresso mais à direita, com o PL tornando-se a maior bancada tanto da Câmara quanto do Senado. Assim como nos EUA, esse cenário traz maior dificuldade para a governabilidade do presidente e menor previsibilidade acerca da agenda econômica. Com a vitória de Lula e a falta de perspectiva de um ajuste fiscal crível, o câmbio apresentou uma desvalorização relevante, com o dólar rodando acima de R$ 5,40, a bolsa atingiu o limite de baixa e o tesouro recorreu à recompra de títulos em um montante de R$ 31 bilhões.

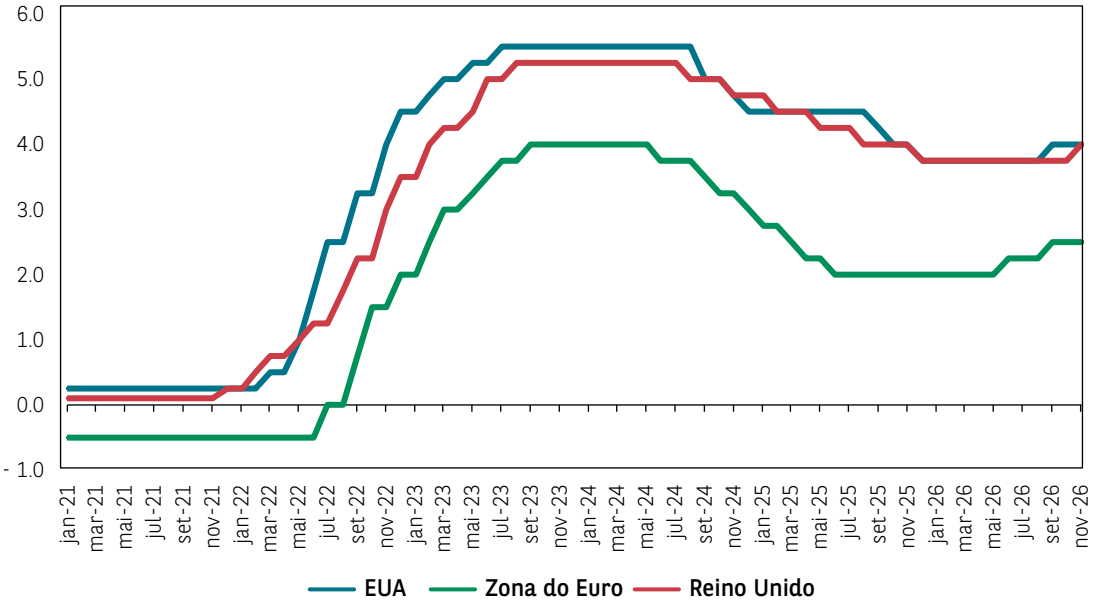
Gráfico 02
BRL



Fonte: IBGE, estimativas BNPPAM, outubro/2026

Diante desse cenário mais adverso, revisamos nossas projeções de inflação para 5,3% em 2026 e 5,5% em 2027. O boletim Focus também refletiu uma piora relevante das expectativas de inflação, que, por sua vez, acaba dificultando o trabalho do Banco Central ("BC") de levar a inflação para a meta. Além da deterioração cambial e das expectativas, a revisão altista de inflação engloba a continuidade de políticas de estímulo à demanda e de aumento de custos, incluindo medidas tomadas pelo governo entre o 1º e o 2º turno eleitoral, como o reajuste do bolsa família, o aumento do limite do MEI, o fim da escala 6x1. Com essas novas medidas, o governo contratou um "rombo" adicional anual de cerca de R$ 45 bi, de forma recorrente (mas que não inclui promessas que ainda não entraram em vigor, como o pé-de-meia universitário e a tarifa zero de ônibus aos finais de semana). Naturalmente, o resultado de tudo isso é mais inflação, em uma economia que não tem sido capaz de expandir sua produtividade para atender tal aumento de demanda.

Gráfico 03
projeção de inflação



Fonte: Fed, BCE, Banco da Inglaterra, outubro/2026

Sob esse pano de fundo, o BC optou por interromper o ciclo de cortes de juros, mantendo a taxa Selic em 13,75% na última reunião do Comitê de Política Monetária ("Copom"). Em seu comunicado, o BC colocou uma barra alta para possíveis elevações de juros à frente, informando que a atual taxa de juros ainda está em um patamar substancialmente contracionista e que a atividade está apresentando uma moderação mais acentuada. Para as próximas reuniões, acreditamos que o BC irá manter a taxa de juros no patamar de 13,75%, condicional a uma estabilização do câmbio em patamares próximos ao atual. No entanto, para o ano que vem, projetamos uma piora relevante da inflação e das expectativas, caso o governo não adote medidas sustentáveis de ajuste fiscal. Isso pressionaria o BC a retomar um ciclo de alta de juros, embora seja um cenário bastante incerto, em um momento em que sequer se sabe qual será a nova equipe econômica do governo e quais serão os novos nomes para as diretorias do BC.

RENDA FIXA E MULTIMERCADO



Michael Kusunoki
Head Renda Fixa & Multimercados

> " Há prêmio nos ativos, mas faltam fundamentos e catalisadores para capturá-lo com convicção. Em um cenário ainda sem âncora clara, preservamos capital e flexibilidade para voltar a assumir risco quando houver maior visibilidade. "

Depois da eleição, começa uma discussão mais difícil: o que vem agora?

Outubro foi marcado por uma forte reprecificação dos ativos domésticos. Passado o evento eleitoral, porém, o cenário à frente dependerá menos do resultado das urnas em si e mais da resposta de política econômica do novo governo. A evolução do quadro fiscal, a preservação da credibilidade da política monetária e o comportamento das expectativas de inflação serão determinantes para a trajetória dos juros e do câmbio. Em outras palavras, saímos da incerteza eleitoral e entramos na incerteza sobre a execução.

De certa forma, estamos meio à deriva. Não temos uma âncora fiscal clara, o ciclo de queda da Selic foi interrompido e a curva de juros voltou a carregar prêmios relevantes, assim como a inflação implícita. *Valuation* voltou a parecer interessante, mas falta um gatilho mais claro para que esses prêmios sejam efetivamente capturados.

Na parte curta da curva, a situação é especialmente desconfortável. O BC encerrou o ciclo e teremos pela frente uma janela menos favorável para a inflação corrente, com a sazonalidade de alimentos e os potenciais efeitos do El Niño. Soma-se a isso a deterioração das expectativas, que tende a continuar aparecendo no Focus nas próximas semanas. A atividade econômica, por outro lado, mostra sinais cada vez mais evidentes de enfraquecimento. A questão é saber se isso será suficiente para voltarmos a discutir cortes de juros. Vale lembrar que foi um processo difícil para o BC iniciar o ciclo em março. Depois de interrompê-lo, a barra para retomar os cortes parece novamente bastante alta. Por ora, a assimetria parece estar entre permanecer parado por mais tempo ou, caso o quadro inflacionário piore de forma relevante, voltar a discutir alta de juros.

Na parte longa, a visibilidade é ainda menor. Ainda faltam nomes para a equipe econômica, medidas concretas e, sobretudo, um plano fiscal que seja simultaneamente crível e exequível. Além disso, um Congresso majoritariamente de oposição adiciona complexidade à implementação de qualquer agenda. É verdade que os níveis de juros já incorporam boa dose de pessimismo, mas valuation sozinho não é uma tese de investimento. Para aumentar convicção, precisamos enxergar algum fundamento capaz de produzir uma mudança mais persistente na trajetória da dívida e, consequentemente, nos prêmios de risco.

Há, entretanto, alguns lampejos de esperança vindos do cenário externo. O resultado das eleições legislativas americanas enfraqueceu politicamente Trump e pode contribuir para alguma normalização da institucionalidade em torno do Fed, eventualmente reduzindo parte do prêmio associado ao dólar global. Mais importante no curto prazo é a possibilidade de encerramento do conflito no Oriente Médio, tema que teve peso relevante no processo eleitoral americano. Uma descompressão geopolítica teria potencial para reduzir os preços de energia e melhorar o ambiente para ativos de países emergentes.

O Brasil poderia se beneficiar desse movimento, principalmente através do câmbio. O real ainda conta com um diferencial de juros elevado e vem apresentando desempenho surpreendentemente

resiliente mesmo diante da deterioração dos ativos domésticos. Soma-se a isso uma balança comercial robusta, beneficiada inclusive pelo crescimento das exportações de petróleo. Um ambiente externo menos hostil poderia, portanto, funcionar como contrapeso parcial às incertezas domésticas, ajudando o BRL e, indiretamente, a dinâmica inflacionária.

Ainda assim, não nos parece o momento de transformar preços aparentemente baratos em grandes posições direcionais. Há prêmios na curva, mas faltam catalisadores. Há desaceleração da atividade, mas ainda não há espaço evidente para retomada dos cortes. Há potencial de melhora externa, mas as principais questões domésticas continuam sem resposta.

Por isso, em termos de posicionamento, a ordem do dia é preservar o capital dos nossos clientes. Diante da excepcional incerteza sobre os diferentes cenários possíveis, encurtamos tanto o horizonte das nossas projeções quanto das posições nas carteiras. O book tende a permanecer mais tático e defensivo nos próximos meses, privilegiando assimetrias claras em vez de grandes apostas estruturais. Neste momento, mais importante do que antecipar qual será o próximo regime parece ser preservar capacidade de assumir risco quando os fundamentos voltarem a oferecer maior visibilidade.

CRÉDITO PRIVADO



Henri Rysman de Lockerente
Head de Crédito Privado

> " O mês foi marcado por maior volatilidade e reprecificação nos ativos de crédito, reforçando a necessidade de uma gestão seletiva para capturar as novas oportunidades de prêmio. "

Outubro foi marcado por um ambiente de maior volatilidade, com reflexos relevantes nas curvas de juros e no crédito privado. A abertura das taxas reais, combinada à retomada de resgates na indústria e a uma maior dispersão entre emissores, impulsionou uma reprecificação dos ativos, com impacto especialmente acentuado no segmento de infraestrutura.

Em termos de precificação, observamos a abertura de spreads nos dois principais segmentos. No mercado CDI+, o movimento foi acompanhado por uma elevada dispersão, com reprecificações significativamente maiores nos créditos percebidos como mais sensíveis. Já no segmento de infraestrutura, o ajuste foi mais intenso ao longo do mês, pressionado tanto pelos spreads de crédito quanto pela abertura da curva de juros reais. Essa combinação impactou a performance da classe, embora tenha ampliado os níveis de prêmio disponíveis para novas alocações.

Quanto ao mercado primário, a atividade manteve um ritmo moderado, com emissões de crédito privado em patamares próximos aos de setembro. O volume total foi de R$ 44,1 bilhões, com destaque para a concentração em debêntures CDI+ e uma atividade mais limitada no segmento de debêntures incentivadas. No mercado secundário, a volatilidade impulsionou a liquidez, com o volume negociado atingindo o maior nível desde março, impulsionado principalmente pelo fluxo em papéis de infraestrutura.

Do lado dos fluxos, o cenário tornou-se menos favorável. Os fundos de crédito privado registraram resgates líquidos relevantes em outubro, revertendo a captação positiva dos meses anteriores. O movimento foi especialmente expressivo nos fundos de infraestrutura, cujas saídas acumuladas em 2026 atingiram R$ 17,7 bilhões, refletindo a sensibilidade dos investidores ao cenário de volatilidade.

Diante desse panorama, reforçamos a importância de uma gestão ativa, seletiva e disciplinada. A crescente dispersão entre emissores e setores evidencia que, enquanto ativos de alta qualidade demonstram resiliência, créditos mais sensíveis enfrentam reprecificações severas. Continuamos a priorizar estratégias com *duration* controlada e ativos com fundamentos sólidos, aproveitando a abertura dos spreads para identificar oportunidades de entrada com margens de segurança mais atrativas.

RENDA VARIÁVEL



Marcos Kawakami
Head Renda Variável

> " Estamos em um ambiente de maior volatilidade devido as incertezas política e macroeconômica, entendemos que o prêmio de risco exigido para investir no Brasil também deve ser maior. Esse cenário reforça a importância de sermos seletivos na construção dos portfólios. Buscamos identificar empresas em que o desconto esteja acompanhado de fundamentos sólidos, boa execução operacional e capacidade de geração de caixa. "

Outubro de 2026 consolidou-se como um mês de alta volatilidade para os mercados globais, impulsionado por uma convergência de fatores que pressionaram o apetite ao risco. O S&P 500 encerrou o período com uma queda de -0,87%, apresentando um movimento errático: após atingir uma máxima intramês de 7.818,93 pontos na primeira semana, o índice sofreu um sell-off sustentado na segunda metade do mês. O principal catalisador dessa reversão foi a reavaliação do ciclo de investimentos em Inteligência Artificial; o questionamento sobre a durabilidade do crescimento de lucros gerado pela IA, após resultados decepcionantes de grandes fabricantes de semicondutores e hardware, desencadeou uma rotação de ativos. O Nasdaq 100 chegou a entrar em território de correção técnica, refletindo o pessimismo com o setor de tecnologia. O MSCI World acompanhou essa dinâmica, recuando -0,75%, enquanto o Euro Stoxx 50 apresentou um desempenho inferior (-2,06%), penalizado pelo cenário de estagflação europeia e pelos custos elevados de energia.

O cenário de risk-off foi severo para os emergentes, com o índice MSCI Emerging Markets registrando perda de -8,04%. A China (CSI 300: -8,35%) e a Coreia do Sul (Kospi: -7,6%) foram os principais detratores, refletindo a correção no setor de tecnologia global. Em contrapartida, a Índia (Nifty 50: +1,95%) destacou-se como o principal *outlier* positivo do período.

O complexo de commodities apresentou uma bifurcação clara em outubro. No setor de energia, o barril de petróleo Brent foi o grande destaque positivo, saltando +20,0% e atingindo US$ 117,64/bbl. O rali foi impulsionado pela escalada de riscos geopolíticos no Oriente Médio, com ataques a petroleiros no Estreito de Ormuz elevando as preocupações sobre um choque de oferta sustentado. Em contrapartida, as commodities metálicas refletiram as preocupações com a desaceleração do crescimento global. O Ouro (-6,8%) e a Prata (-18,7%) sofreram com a alta dos juros reais, que elevou o custo de oportunidade de manter ativos que não pagam juros. O Cobre (-1,8%) e o Minério de Ferro (-5,2%) também apresentaram recuos, refletindo a fraqueza na demanda industrial chinesa e a ausência de estímulos fiscais robustos em Pequim, o que impactou diretamente as expectativas para o setor de mineração.

O mercado brasileiro atravessou um mês de extrema volatilidade, marcado pelo calendário eleitoral. Observamos um movimento de otimismo até o primeiro turno, seguido por uma realização significativa de posições após a vitória do candidato incumbente. Esse cenário político, somado ao ambiente de juros globais elevados, contribuiu para um mês difícil para a renda variável local. O Ibovespa registrou uma queda de -9,88%, enquanto o índice Small Caps sofreu um colapso de -17,45%. A performance das Small caps sublinha a maior sensibilidade dessas companhias ao ciclo doméstico de juros e à menor liquidez em momentos de estresse.

Com o processo eleitoral concluído, a atenção dos investidores passa agora da eleição propriamente dita para as primeiras definições do novo governo. A principal questão será a condução da política fiscal e, sobretudo, a capacidade de se construir uma trajetória crível e sustentável para as contas públicas. Nesse sentido, a composição mais conservadora do Congresso pode funcionar como um importante contrapeso ao Executivo, limitando o espaço para mudanças mais profundas na orientação da política econômica. Ao mesmo tempo, a composição da equipe econômica e as primeiras sinalizações em relação à política fiscal devem ter papel fundamental na formação das expectativas dos investidores nos próximos meses.

Após a queda recente, observamos uma melhora importante na atratividade das ações brasileiras sob a ótica de *valuation*. Diversas empresas voltaram a negociar em patamares historicamente baixos, criando oportunidades interessantes para investidores com horizonte de investimento de médio e longo prazo. Essa leitura, entretanto, precisa ser ponderada pelo aumento das incertezas. Em um ambiente de maior volatilidade política e macroeconômica, entendemos que o prêmio de risco exigido para investir no Brasil também deve ser maior. Além disso, a elevação das taxas de juros dos ativos considerados de menor risco aumenta a taxa de retorno necessária para justificar a alocação em ações. Assim, embora os *valuations* tenham se tornado mais atrativos após a correção, acreditamos que a margem de segurança exigida para novas posições também deve ser maior.

Esse cenário reforça a importância de sermos seletivos na construção dos portfólios. *Valuations* baixos, isoladamente, não são suficientes para justificar uma decisão de investimento. Buscamos identificar empresas em que o desconto esteja acompanhado de fundamentos sólidos, boa execução operacional e capacidade de geração de caixa, procurando diferenciar oportunidades criadas pela volatilidade de situações em que a queda dos preços representa uma deterioração mais permanente da perspectiva de resultados.

Diante desse panorama, mantemos nossa preferência por uma alocação equilibrada, privilegiando empresas de alta qualidade, com fundamentos sólidos, boa governança e capacidade sustentável de geração de caixa. Não pretendemos adotar um filtro setorial rígido neste momento. Nossa abordagem seguirá concentrada na seleção individual de empresas que reúnam essas características e que, após os movimentos recentes de mercado, estejam sendo negociadas a *valuations* que ofereçam uma relação mais favorável entre risco e retorno.

Seguiremos monitorando de forma próxima a evolução do cenário internacional, especialmente os impactos dos preços de energia sobre a inflação e os juros globais, assim como as primeiras definições do novo governo no Brasil. A política fiscal, a composição da equipe econômica e a relação entre o Executivo e o Congresso serão elementos importantes para a formação dos preços dos ativos domésticos nos próximos meses. Nesse ambiente, manteremos disciplina na gestão de risco e flexibilidade para ajustar as carteiras à medida que novas informações forem incorporadas aos preços, buscando proteger o portfólio nos momentos de maior incerteza e, ao mesmo tempo, aproveitar oportunidades que possam surgir com a volatilidade, sempre com foco na preservação de capital e na geração de valor no longo prazo.

FUNDO DE FUNDOS



João Uchoa Borges
Head Fundo de Fundos

> " Outubro foi marcado por tensões geopolíticas, transição monetária global e choque eleitoral no Brasil, com correções nos mercados e incertezas fiscais. "

Em outubro, os mercados globais foram marcados por tensões geopolíticas e transição na política monetária. Os conflitos no Oriente Médio, com ataques no Golfo e no Mar Vermelho, elevaram o Brent a US$ 110, enquanto o Fed e o BCE mantiveram as taxas estáveis, sinalizando um ritmo mais gradual de ajuste. Nos EUA, a correção no setor de tecnologia reacendeu dúvidas sobre o retorno dos investimentos em IA, contribuindo para a queda do S&P 500 e do Nasdaq. A vitória democrata nas eleições legislativas adicionou incertezas sobre a política fiscal e o teto da dívida, garantindo um ambiente de maior aversão a risco. As curvas de juros longos recuaram, refletindo menos uma melhora nos fundamentos e mais uma busca por proteção.

A deterioração das condições financeiras se tornou mais visível, com a abertura de spreads de crédito e a queda das bolsas, especialmente nos setores ligados à tecnologia. Na Europa, a França seguiu como foco de preocupação, com spreads de juros em níveis históricos devido à deterioração fiscal. O ambiente sugere que o ajuste nos mercados globais pode deixar de ser ordenado, com consequências negativas para ativos de risco e maior pressão sobre países com fundamentos frágeis. A combinação de juros elevados, incertezas geopolíticas e uma economia global menos expansionista reforçou a prudência dos investidores.

No Brasil, o mês foi pautado pelo choque eleitoral. A reeleição do presidente Lula, contra as expectativas do mercado, provocou uma forte correção nos ativos: o Ibovespa caiu 13,88% no dia seguinte ao resultado, o real se desvalorizou para R$ 5,44 e as taxas de juros longas subiram mais de 200 bps. A frustração do mercado reflete a percepção de continuidade de um regime fiscal insustentável, sem ajustes para conter a trajetória da dívida. Medidas como a extinção da escala 6x1 e a ampliação de subsídios elevaram as projeções de inflação, desancorando as expectativas de inflação para os próximos anos.

O Copom interrompeu o ciclo de cortes, mantendo a Selic em 13,75%, e o mercado agora precifica um cenário de juros elevados por mais tempo, com risco de recessão em 2027. A atenção se volta para a formação da equipe econômica e os primeiros sinais de intenção fiscal, como o orçamento de 2027 e a fixação da alíquota da CBS. A combinação de fragilidade fiscal, incerteza política e um ambiente global menos tolerante a risco sugere que a pressão sobre os ativos brasileiros pode perdurar.

ÍNDICES

	CDI	IRF-M	IMA Geral	IMA-B	IMA-B 5	Dólar	Ibovespa	IBX	SMLL
Outubro	1.07%	-1.52%	0.06%	-1.03%	0.53%	5.41%	-9.88%	-9.60%	-17.45%
2026	11.70%	7.63%	10.18%	8.98%	11.96%	-0.64%	4.22%	4.40%	-18.78%
12 meses	14.25%	9.76%	12.63%	11.54%	14.24%	1.34%	12.29%	12.44%	-16.97%



Este documento foi produzido pelo Banco BNP Paribas Brasil S.A. ou por suas empresas subsidiárias, coligadas e controladas, em conjunto denominadas 'BNP Paribas Brasil', com fins meramente informativos não se caracterizando como oferta ou solicitação de investimento ou desinvestimento de ativos. O BNP Paribas Brasil é instituição financeira regularmente constituída e em funcionamento no país e devidamente autorizada pelo Banco Central do Brasil e habilitada pela Comissão de Valores Mobiliários para a distribuição de cotas de fundos de investimentos. A BNP Asset Management Ltda. é a instituição devidamente autorizada pela Comissão de Valores Mobiliários como prestador de serviços de administração de carteiras categoria gestor de carteira.

Apesar do cuidado na obtenção e manuseio das informações apresentadas, o BNP Paribas Brasil não se responsabiliza pela publicação acidental de informações incorretas, nem tampouco por decisões de investimento tomadas com base nas informações contidas neste documento, as quais podem sofrer mudanças a qualquer momento sem aviso prévio. Esse material não caracteriza nenhuma oferta de investimento. Antes de qualquer decisão de investimento, é obrigatório certificar-se sobre o seu perfil de risco X perfil de risco do produto pretendido, nos termos da regulamentação em vigor. Esse documento contém informações e declarações prospectivas referentes ao BNP Paribas Brasil e ao mercado em geral. Essas declarações não constituem fatos históricos e abrangem projeções financeiras e estimativas, bem como hipóteses sobre as quais estão baseadas declarações relativas a projetos, objetivos e expectativas relacionadas às operações, produtos e serviços futuros ou performances futuras. Essas declarações prospectivas podem ser identificadas pelas palavras «esperar», «antecipar», «acreditar», «planejar» ou «estimar», bem como por outros termos similares; Informações e opiniões contidas neste documento foram obtidas de fontes públicas por nós consideradas confiáveis, porém nenhuma garantia, explícita ou implícita, é assegurada de que as informações são acuradas ou completas, e em hipótese alguma podemos garantir a sua ocorrência. O BNP Paribas Brasil não assume qualquer compromisso de publicar atualizações ou revisões dessas previsões. Este documento foi produzido para uso exclusivo do seu destinatário, não podendo ser reproduzido, ao todo ou em parte, sem prévio consentimento do BNP Paribas Brasil. Caso V.Sa. não seja o destinatário pretendido, qualquer divulgação, cópia, distribuição ou qualquer ação conduzida ou omitida para que se baseie nisso, é proibida e pode ser considerada ilegal. O BNP Paribas Brasil não se responsabiliza por eventual perda causada pelo uso de qualquer informação contida neste documento. Leia a lâmina de informações essenciais e o regulamento antes de investir. Rentabilidade obtida no passado não representa garantia de resultados futuros.

Em janeiro/2026, a Fitch Ratings reafirmou o Rating Qualidade de Gestão de Investimentos da BNP Paribas Asset Management Brasil Ltda. ("BNPP AM Brasil") para "Excelente". A Perspectiva do Rating é Estável. A reafirmação do rating 'Excelente' da BNPP AM Brasil reflete a opinião da Fitch de que a gestora tem capacidade de investimento e características operacionais fortes. Os Ratings de Qualidade de Gestão de Investimentos seguem uma escala Global e são atribuídos em escala descritiva de cinco graus que vão de "Excelente" até "Fraco". Os ratings mais elevados - 'Excelente' e 'Forte' – são aplicados a gestores de recursos que atendam ou excedam os padrões tipicamente aplicados pelos investidores institucionais nos mercados internacionais. A metodologia de Atribuição de Ratings de Qualidade de Gestão de Investimentos da Fitch Ratings foi projetada para sistematicamente capturar, avaliar e reportar os principais atributos da plataforma operacional e de investimentos de um gestor de recursos, focando cinco pilares principais: processo de investimento; recursos de investimento; gestão de riscos; desempenho do investimento; e companhia, incluindo atendimento aos clientes. Para obter informações adicionais sobre a metodologia, acesse o website da agência, 'www.fitchratings.com.br'.

Você poderá acessar a Ouvidoria pelo telefone 0800-7715999 ou através do e-mail: ouvidoria@br.bnpparibas.com – O horário de funcionamento da Ouvidoria é de segunda-feira à sexta-feira, das 9h às 18h. Acesse: brasil.bnpparibas (Administrador) ou bnpparibas-am.com/pt-br (Gestor). MATERIAL DE DIVULGAÇÃO. Outubro/2026. CP 29.2026

November 2026 - Design: AM Creative Services - P2611012

BNP PARIBAS
ASSET MANAGEMENT

Autorregulação ANBIMA
Gestão de Recursos